



A professora Stella Maris, da UnB, prefere chamar a fala peculiar do brasiliense de um não sotaque

DF-Brasília  
015  
Reportagem 0126

## CORREIO BRAZILIENSE Fala, - 5 OUT 1987 candango!

# Brasília já tem um sotaque próprio. Dá para notar?

GIOCONDA CAPUTO  
Editoria de Cultura

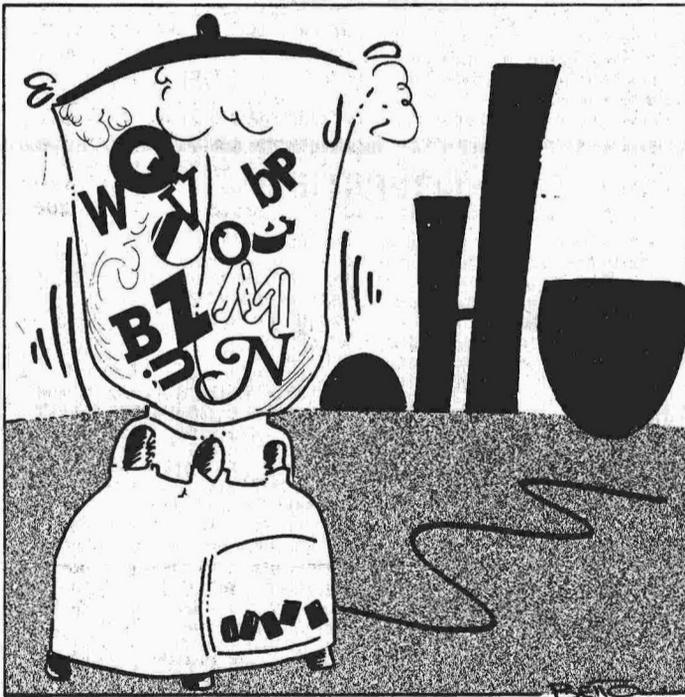
Dos vários sotaques que o cineasta Nelson Pereira dos Santos registrou no seu filme *Fala Brasília*, realizado aqui em 1965, o único que não estava presente era justamente o de Brasília. O documentário, baseado na pesquisa do professor Nelson Rossi, especialista em dialectologia, gravou as falas diferentes que vieram ocupar o espaço de uma cidade que ainda não sabia falar.

Vinte e dois anos depois, aconteceu o inevitável: Brasília não só aprendeu a falar, como criou uma linguagem própria que começa a ser registrada em pesquisas e teses desenvolvidas por professores e alunos do Departamento de Linguística da UnB.

E o brasiliense está falando de um jeito que nada tem a ver com a pronúncia de um carioca, de um nordestino ou de um mineiro, por exemplo. E uma fala peculiar que a professora Stella Maris Borioli, chefe do Departamento de Linguística, define como se fosse um não sotaque.

“O que chama atenção nessa linguagem brasiliense é a ausência de traços que são associados aos diversos falares regionais. Como se fosse um ‘não sotaque’, comenta a professora. Paralelamente a isso, ela acredita que a identidade da cidade está emergindo, através de um processo cultural e psicossocial que não pode ser dissociado da linguística.

Para a professora Stella Maris, o trabalho pioneiro de Nelson Rossi previu um fenômeno linguístico que hoje está confirmado. O professor, que inaugurou na Bahia o estudo da dialectologia no Brasil, chegou em Brasília na década de 60 para criar na UnB o Núcleo de Linguística e desenvolver um trabalho que na época foi considerado revolucionário. Ele procurava demonstrar, através da fala, que a cidade — habitada por migrantes de todas as regiões



do País — constituía uma síntese do Brasil.

O *Fala Brasília*, de Nelson Pereira dos Santos, gravou em som direto as várias maneiras de falar o português existente na cidade. Luis Carlos Ripper, ex-aluno do cineasta, deu o seu testemunho à jornalista e escritora Helena Salem no livro *Nelson Pereira dos Santos — O Sonho Possível do Cinema Brasileiro*: “A gente se metia pelas favelas, na Cidade Livre, pesquisava as várias falas. Era cinema direto, a descoberta de um mundo”.

O trabalho do professor Nelson Rossi registrou uma parte importante da história da cidade. Só que naquela época (e não podia ser diferente) as vozes que falavam não tinham qualquer relação com o espaço de Brasília. Eram os pioneiros, os candangos, que eram nordestinos, cariocas, mineiros, etc.

### BRASÍLIA FALA

Agora os personagens dessa história mais recente são os fi-

lhos dos pioneiros. Aqueles que, mesmo tendo nascido longe daqui, se sentem brasiliense. Três teses já concluídas (a primeira da professora Stella Maris e as outras duas de Aliris Porto Alegre e Elizabeth Hanna) demonstram que não só as pessoas nascidas em Brasília, como as que aqui foram criadas, não usam em sua fala os traços mais marcantes do modo de falar de seus pais nordestinos, cariocas, mineiros ou sulistas.

Quem primeiro constatou o fenômeno foi a professora Stella Maris, através da sua pesquisa com migrantes mineiros que se radicaram em Brazlândia. Trabalhando com um grupode 118 pessoas, ela registrou o que na Linguística é chamado de “difusão dialetal”, que é a perda das características mais típicas na maneira de falar de cada região.

Stella constatou que as pessoas que já estavam integradas à vida da cidade estavam falando diferente. E na pronúncia do

brasiliense não tem vez a vogal aberta, o “T” e o “D” do nordestino, por exemplo, ou o “S” chiado do carioca, o “R” do goiano ou do paulista, segundo a professora.

PhD pela Universidade de Cambridge, Stella Maris publicou a sua tese no livro: *The Urbanization of Rural Dialect Speakers*, que infelizmente ainda não foi traduzido para o português. Segundo a professora a Editora da UnB está agora negociando a compra dos direitos do livro para publicá-lo.

O fenômeno que hoje se verifica em Brasília já foi registrado na Atenas do século V a. C. e recebeu o nome de Koineização, de acordo com Stella Maris. Também houve por lá essa confluência dos diversos dialetos gregos que deu origem ao Koine, que era o falar ateniense.

Essa extrema difusão dialetal que existe na cidade é uma situação linguística que reflete essa situação sócio-demográfica peculiar, afirma a professora, que desde 1983, quando retornou à UnB, vem se dedicando a pesquisas nessa área da linguística.

E ela cita duas teses importantes já concluídas: **Focalização e Difusão Dialetais: O Caso de Brasília**, de Elizabeth Hanna e o trabalho realizado por Aliris Porto Alegre. As pesquisas de Elizabeth examinaram o falar da classe média brasiliense em dois grupos de cariocas e paraibanos. Ela examinou a linguagem dos pais e dos filhos e concluiu que o falar que emerge de Brasília se identifica com a linguagem usada nos meios de comunicação.

Segundo Stella Maris, o falar brasiliense está perdendo esses traços característicos e ganhando um ritmo, uma entonação e um sotaque novos. Ao mesmo tempo, ela acredita que essa nova pronúncia, além de ser uma síntese das diferenças, aqui existentes, evidencia que o Brasil é um país plurietnico, pluricultural e plurilingüe.